

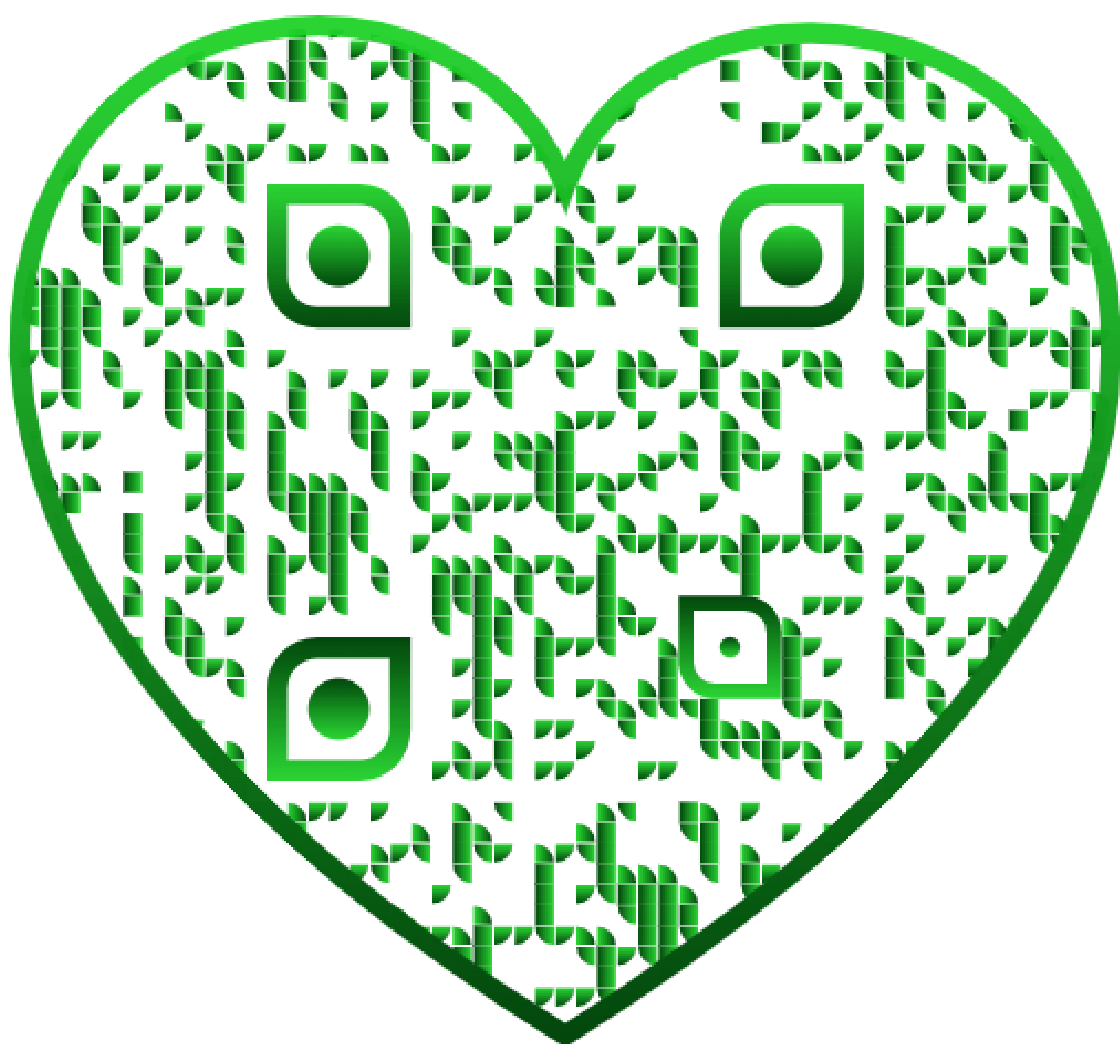
NANA PAUVOLIH

THEO E EVA

BÔNUS DE COMEMORAÇÃO:
MIL RESENHAS DE 'FERIDA 2' NA AMAZON.

Série Segredos





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



THEO e EVA

Copyright © 2018 Nana Pauvolih
1ª Edição Dezembro de 2018.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título
Theo e Eva.

Autora
Nana Pauvolih

Capa
Joycilene Santos

Atenção:

O conto *Theo e Eva* é um presente para todos os meus leitores. Quando escrevi Duplamente Ferida, minhas nanetes fizeram uma proposta de que o dia em que o livro alcançasse 1000 avaliações na Amazon, eu fizesse um bônus de Theo e Eva. Aqui está e ofereço com carinho a todos vocês.

Espero que gostem!

Ao final, deixo também de presente um conto de 2016, que fiz de HELENA (filha de Theo e Eva), como presente de aniversário do livro Ferida.

Feliz 2019!

Lembrando que em março de 2019 a Editora Planeta lançará Duplamente Ferida em todo o Brasil.

Beijinhos!

Agradecimentos e dedicatória:

Primeiro uma observação: O conto se passa em 2018. Para quem leu todos os livros da série, significa que foi 4 anos depois do primeiro livro e dois anos antes do Epílogo de Rendida (último livro escrito por enquanto).

Em meu grupo no Facebook, intitulado Nana e as nanetes, fiz uma brincadeira com os leitores perguntando se queriam ver algo especial no bônus do Theo e da Eva. Eu ia citar aqui somente o que escolhi, mas a participação foi tão legal, que quero fazer uma homenagem a todas as meninas que participaram dos comentários até o dia 26 de dezembro.

Queridas, obrigada! Amei tudo! Theo e Eva são para vocês:

Luania Biehl, Cristina Costa, Larissa Becker, Eliane Souza, Jô Pequena Resenha, Claudia Alves Rodrigues, Sandra Silva, Fabiana Cintrão, Lucivan Miranda Calumbi, Alessandra Magalhães, Elaine Araújo, Patrícia Dias, Jaqueline Carla, Ana Paula Souza, Lorena Maia, Anna Katharina, Maria Aparecida Mota, Barbara Loyola Loyola, Erika Rodrigues, Simone Fernandes, Rita Cássia Soares Oliveira, Marília Barbosa, Ramnusia Marques, Kricia Fonseca, Alanna Milena.

Aparecida Pavanelli, Adriana Alves Lopes, Talita Helena, Natalia Pinheiro, Eliane Diniz Cruz, Vanessa Martins, Erica Macedo, Joana Holanda, Joycilene santos. Léa Santos Camargo, Fabíola Peixoto, Rosilene Rocha, Deisinha Gatto, Fernanda F. Ferretti, Taty Ryan, Fernanda K. Rodrigues, Katia Brolezi, Vanessa Cardoso, Perla Moura, Tamires Barcellos, Jania Ferreira, Thai Costa, Cintia Maranduba, Rosa Souza, Márcia Helena, Ana Maria Moura.

Elaine Cristina Gimenez, Sonia Candido, Luiza Gutemberg, Ayira daniela Rodrigues, Marcela Casetta Silvestre, Jordana Rafaela Barbosa Silva, Zoraya Jatobá Bezerra de Menezes, Flavia Torezani, Luciana Gasparotto, Agatha Lins, Jucilene Silva, Andreza Navarro, Laís carvalho, Larissa Fernandes, Michele Kardec, Eduardo Claudia, Caroline Cristina, Larissa Spyker, Paola Scott, Dani Sales, Luciana Menezes, Damaria Gomes Viana de Carvalho, Glauciane Paula Regadas, Regina Zucatelli.

Caroll Silva, Ivone Giocondo, Kelly Ferreira, Simone Carvalho, Barbara Noronha, Adriana R. Gouvea, Alessandra Carvalho, Luana Cruz, Jéssyca Martins, Denise Brito, Tonia Constantino, Vivi Ribeiro, Andrea Braga, Duda Dias, Larissa Thayná, Denise Baccini, Fabricia Francisca Vieira,

Paula Costa, Valeria Fernandes, Taina Zamonelli José Leopoldo, Amélia Constancio da Silva, Sirlene Dias, Simone Moreira, Adriana Oliveira Barbosa, Mell Faria Petroli, Jacira Fonseca, Ana Paula Cruz Barros, Shirley Torres Lima, Cláudia Albuquerque, Binha Abromovicz.

Selma Rocha, Gisele Ramos de Almeida, Jena Andrade, Flavia Carla Cardoso, Denise Elisangela da Silva Silva, Venda Lucia Silva Marques, Anai Ferreira, Jussara Viana, Vanda Rocha, Suelen Salutto, Reni Granato, Layanne Damasceno Veloso, Penha Rangel, Marcia Barbosa, Renata Santos de Macedo, Ana Claudia Felipe, Maria Aparecida Pinheiro Cida.

Capítulo 1

“O sol ainda não chegou
E o relógio há pouco despertou
Da porta do quarto ainda na penumbra
Eu olho outra vez
Seu corpo adormecido e mal coberto
Quase não me deixa ir
Fecho os olhos, viro as costas
Num esforço eu tenho que sair
A mesma condução, a mesma hora
Os mesmos pensamentos chegam
Meu corpo está comigo mas meu pensamento
Ainda está com ela
Agora eu imagino suas mãos
Buscando em vão minha presença
Em nossa cama
Eu gostaria de saber o que ela pensa
Estou chegando para mais um dia
De trabalho que começa
Enquanto lá em casa ela desperta
Pra rotina do seu dia
(...)”

(ROTINA, Roberto Carlos)

Dezembro de 2018

Theo

Era normal ter Eva na mente em qualquer hora do dia.

Eu acordava com seu corpo quente e macio encostado ao meu, o perfume dos seus cabelos sendo a primeira coisa que sentia pela manhã. E toda vez me invadia aquela sensação gostosa de paz, de estar no lugar certo, aquele que eu mais desejava.

Muitas vezes eu ficava excitado, já acordava com o pau duro. E era assim que eu a despertava, beijando e tocando, tomando-a para mim com aquela fome que não arrefecia de jeito nenhum no decorrer daqueles quatro anos. Havia sempre algo vivo e pulsando entre nós, maior quando estávamos

perto um do outro, latejando em saudade e anseio quando estávamos longe.

Outras vezes eu apenas a deixava dormir quietinha, cansada de nossa noite intensa e apaixonada, ainda mais quando eu era insaciável e pegava pesado. Então me erguia da cama e a olhava, já sabendo que aquela imagem me acompanharia durante o dia. E me faria voltar ansioso à noite por mais. Por tudo que tínhamos carnal e emocional, que nos puxava irremediavelmente um para o outro.

Naquele dia eu estava especialmente impaciente no escritório. Era a semana do Natal e Eva, que havia começado a cursar Letras naquele ano, permaneceria até mais tarde para confraternização e amigo oculto com os colegas. Eu voltaria para nossa casa e ela não estaria lá. E sim em uma cidade vizinha onde ficava a faculdade.

Saí do escritório dizendo a mim mesmo que era besteira ficar enciumado, que o que eu sentia era apenas saudade, já que vivíamos muito juntos para tudo. Eu mesmo a incentivei a estudar, já que Helena já estava com 4 anos e Júnior com 3, as coisas tranquilas, sem ameaças em nossa vida. Queria que minha coelhinha tivesse tudo que a vida a privou e garantia que assim fosse.

Ela estava feliz estudando, com planos para o futuro, animada com a possibilidade de ajudar na escola da fazenda e em outros projetos. Usando sua antiga devoção a escrever diários, Eva arriscava em algumas anotações quando tinha tempo livre, planejando escrever um livro. Ainda fazia um pouco de segredo, mas deixou escapar que seria um pouco sobre a história de nossas famílias.

Algumas vezes tinha pesadelos com a mãe, pelo modo violento como tudo aconteceu. Acordava nervosa, tremendo ou chorando, voltando inúmeras vezes às ameaças que sofremos com Luiza. Eu entendia que tinha sido chocante demais e ainda a aterrorizava ter passado tudo aquilo e ver o fim que a mãe teve. Mesmo não prestando, era seu sangue e nunca quis que terminasse daquele jeito.

Eu sempre cuidava dela, acalentava nos braços, garantia que com o tempo tudo melhoraria. Não havia culpa ou desavenças entre nós sobre aquele assunto. Pelo contrário, nos apoiávamos. Mas era uma ferida aberta cicatrizando aos poucos. Ninguém passava imune após um trauma daqueles, vendo a morte, a dor e o desespero tão de perto.

Enquanto dirigia meu carro pela estrada que levava do centro de Florada até a fazenda Falcão Vermelho, eu via o sol se pôr ao longe e

pensava sobre tudo aquilo. Desde que Estela e Luíza Amaro deixaram de ser ameaça, que aquela vingança tinha acabado com suas mortes, tínhamos paz. Muita coisa aconteceu, outros segredos foram revelados, passamos momentos difíceis, mas tudo se ajeitou. O que sobraram foram as lembranças ruins e aquele desejo de que tudo pudesse ser diferente.

Eu lamentava por minha coelhinha. Pelo que tivera que passar na vida, pelas perdas, por não ter podido resolver de modo diferente. Não por Luíza. Por mim, estar morta era o fim de uma maldade que poderia afetar minha esposa, meus irmãos e até meus filhos. A ameaça não existia mais.

Lembrei de quando precisamos ter seguranças nos seguindo, da minha vontade férrea de proteger todo mundo a acabar com aquela merda toda. De não poder seguir naquela estrada sem olhar para os lados, sem paz. Felizmente tudo era diferente.

Quando adentrei as terras da Falcão Vermelho, reparei naquela beleza que parecia infinita. Aos 46 anos vivendo ali, nunca deixei de observar e me orgulhar da nossa fazenda e tudo que fizemos por ela. Eu era um Falcão até meu último fio de cabelo e ali me sentia completo, poderoso, feliz.

Acelerei, querendo chegar logo e ver meus filhos. Helena e Júnior me ajudariam a aguentar aquelas horas pouco rotineiras longe de Eva.

Apertei as sobrancelhas, um pouco irritado da falta que me fazia. Talvez o costume fosse responsável por aquilo, pois passávamos todas as noites juntos. Mas era às vezes incômodo estar tão intrinsecamente ligado a uma pessoa, ao ponto de que poucas horas longe um do outro causasse aquela falta toda.

Tentei não pensar tanto naquilo, observando as casas que surgiram perto do casarão principal. Naqueles anos foram construídas mais três nos arredores, perto o suficiente para ir a pé até a casa do nosso pai e distante o suficiente para termos privacidade.

Gabi, Joaquim, Tia e meu pai continuavam no casarão. À esquerda deste foi construída a casa amarela de telhado colonial e muita madeira, onde moravam Micah, Valentina, Cacá e as gêmeas. À direita ficava a casa grande com muitos jardins de Lara, Pedro, Heitor e os filhos. Logo depois, um pouco mais reservada, vinha a minha. Do jeito que eu e Eva planejamos, com enormes varandas e muitas janelas dando para várias direções da fazenda.

A família tinha crescido, se expandido, criado mais raízes ali. E uma nova geração vinha, das crianças, com o mesmo amor e a mesma devoção que tivemos e ainda tínhamos. Os Falcão se perpetuavam cada vez mais. E

meu pai estava lá, o percursor de tudo, vendo seus frutos. Muitas vezes eu me perguntava o que ele sentia diante daquilo. Olhando para trás, desde que chegara ali sozinho e criara seu império, até o presente.

Estacionei o carro em frente à minha casa e saí, batendo a porta, sendo recebido pelo calor de fora, bem diferente do ar condicionado em que eu estava. Dezembro era sempre quente por ali e quis entrar logo, tirar o paletó, talvez me refrescar na piscina dos fundos. Lamentei mais uma vez que Eva não estivesse ali comigo, mas logo afastei o sentimento e entrei.

— Papai!

Sobre o chão liso da sala, Helena se levantou de um pulo, suas tranças loiras sacudindo enquanto corria para mim toda feliz, as mãos cheias de algo colorido e grudento. Já veio pronta para pular em meu colo, confiante, sabendo que eu a pegaria com firmeza. E assim o fez, dando gritinhos felizes, seus dedos indo em cheio no meu paletó escuro e camisa azul, sem se importar com a lambança que fazia.

— Helena! Vai sujar seu pai todo! — Viviana, a babá de meia idade, levantou toda sem graça de onde brincava com ela e com Júnior, este com o rosto colorido.

Minha filha arregalou os olhos, só então se dando conta de suas mãos com algo que parecia geleia vermelha. Ficou indecisa sobre o que fazer, buscando meus olhos para ver se eu estava bravo. Beijei sua bochecha macia e disse baixo:

— Deixe. Esse abraço vale por qualquer mancha na roupa.

Ela riu e seus bracinhos na hora se agarraram em volta do meu pescoço. Apertei-a, um amor tão extraordinário enchendo meu peito que eu nunca conseguia mensurar.

Incentivado pela recepção, Júnior também se levantou e se agarrou em minhas pernas, erguendo os olhos azuis brilhantes para mim, um enorme sorriso a me oferecer.

— E aí, garotão? Que cara suja é essa? — Eu me agachei, Helena acomodada em meu braço esquerdo, o outro já puxando o caçula para mim. — Deram muito trabalho à Viviana hoje?

— Eu não. Só a Helena. — Dedurou o menino de 3 anos, em sua franqueza infantil. — Ela é teimosa.

— Não sou nada! — Na mesma hora me olhou, apertando as sobrancelhas de uma maneira que Eva sempre dizia ser igual a mim. Defendeu-se: — Eu só não quis parar de brincar para tomar banho! Tomar

banho é chato!

— Quer ficar suja como os porcos lá do chiqueiro? Lembra o cheiro que eles têm?

— Mas não tenho esse fedor, papai!

— Vai ter se não tomar banho. Já não falei com você que precisa obedecer os mais velhos e não ser malcriada?

Ela emburrou a cara. Odiava ser contrariada. No fundo eu entendia sua dificuldade em aceitar ordens e seu desejo por independência. Helena era parecida demais comigo em vários aspectos e mostrava isso desde sempre. Mas aos poucos nós ensinávamos a diferença era birra e personalidade forte.

No fundo eu me orgulhava do seu jeito, da sua garra e determinação para tudo, já explícitas em sua personalidade. No entanto, tanto eu quanto Eva impúnhamos limites. E aos poucos ela entendia o que podia ou não fazer, até onde ir.

Fitou-me, vendo meu olhar sério, na hora percebendo que havia extrapolado outra regra. Depois deu uma olhada irritada para o irmão, que a dedurara. Muito mais maleável e doce, ele se mostrou envergonhado e, tentando se redimir, sorriu para ela. Aquilo a balançou e, meio indecisa, fitou de novo a mim e então Viviana, que era muito carinhosa e paciente com eles.

Achei que se fecharia mais, de cara feia, mas meio contrafeita pediu:

— Desculpa, Viviana. Vou tomar banho.

A senhora sorriu amplamente. Orgulhoso, beijei sua face e emendei:

— Ótimo. Depois que vocês se livrarem dessa meleca toda, podemos entrar na piscina. O que acham?

— Meleca ... — Júnior riu.

— Piscina! — Helena pulou do meu colo, toda feliz. — Vamos!

— Primeiro precisamos guardar tudo aqui, depois limpar vocês! Venham ajudar. — Chamou Viviana.

Os dois correram para obedecer, sem criar problemas. Levantei, acenando para a babá e indo em direção à escada, para colocar minha roupa de banho e me juntar aos meus filhos.

O fim de tarde estava quente e eu relaxaria brincando com eles na água fria, cercado pela vegetação da fazenda. Só não seria perfeito por Eva não estar ali.

Subi os degraus pensando nela. Devia estar a caminho do restaurante onde seria a confraternização com os amigos da faculdade. Imaginei-a entre as pessoas, linda e reluzente com aquele cabelo loiro comprido, a boca

carnuda pintada de vermelho, chamando a atenção de todo mundo.

Meu sangue ferveu só com a possibilidade de ter rapazes da idade dela no meio, olhando-a com desejo, conversando com ela, talvez tentando se aproximar. Apertei o maxilar, odiando ter ciúmes, ainda mais sabendo que eram infundados. A minha coelhinha e eu éramos loucos um pelo outro, sem lugar para mais ninguém. E eu devia parar de pensar aquelas coisas quando estava longe de mim.

Afastei irritado aquele meu desejo de posse, de ser dono de cada olhar e suspiro dela. E fui para meu quarto, determinado a passar momentos felizes com meus filhos, depois jantar com eles e dar um pulo no casarão para ver meu pai e Tia. Então Eva já estaria voltando e eu a teria toda para mim.

Capítulo 2

Eva

O restaurante estava lotado, música alta tocando, a pista de dança fervendo. Muitas pessoas se reuniram ali para fazer confraternização da faculdade e também de trabalho, sem contar que era sexta-feira e isso já bastava para atrair todo mundo para um chopinho.

A nossa mesa era grande e barulhenta. Eu tinha me divertido com o pessoal, rido com as declarações do amigo secreto e os presentes, até mesmo tomado umas cervejas. Mas naquele momento olhava o relógio de pulso vendo que passava das 11 horas da noite, logo depois meu olhar preocupado se voltando para a janela, onde podia ver o temporal lá fora.

Achei que era somente uma chuva de verão e que passaria logo, mas a água desabava forte, com muito vento, sem parar. Eu já queria ter saído dali, pois ainda dirigiria uns 40 a 50 minutos até em casa. Mas esperava o tempo melhorar e os minutos passavam rapidamente.

— O que foi, Eva? Está preocupada? — Liana, uma das amigas de turma, se aproximou.

— Quero ir para casa e essa chuva não passa.

— Melhor esperar. Disseram que a estrada que leva até Florada está cheia de água e lama.

Suas palavras me alertaram mais. Principalmente quando Luiz, outro colega, ouviu nossa conversa e emendou:

— É verdade. Teve um pessoal que voltou para cá, não tinha como passar.

— Nem me fale isso!

— Vamos farrear, menina! — Liana riu e me puxou em direção à pista de dança. — A noite é uma criança!

— Não quero dançar agora, depois eu vou. — Sorri para amenizar a desculpa e me afastei para perto do bar e longe da música, já pegando meu celular.

Tinha sido muito legal estar ali com os colegas, rir, conversar, conhecer um pouco melhor as pessoas. Apenas curtir meus quase 24 anos de idade. Mas depois de certo tempo eu só pensava em Theo em casa, na falta que eu sentia dele. E dos meus filhos. Era saudável ter um tempo só meu, ter

outros interesses, mas amava tanto minha vida com eles que a saudade apertava e acabava se tornando maior do que tudo.

Enquanto discava para ele, imaginava Theo chegando do trabalho naquela sexta. Todos os dias eram nossos, mas sexta sempre era especial. Ouvíamos música no jardim, tomávamos algo mais forte, conversávamos e trocávamos carícias, contando coisas do nosso dia. Também curtíamos Helena e Theozinho, ou íamos jantar no casarão ou com algum dos irmãos dele.

Era bom demais quando todos se reuniam e as crianças brincavam do lado de fora. Ou quando ficavam com algum dos tios ou com Tia e eu e Theo saíamos sozinhos para nos grudar ainda mais um ao outro, trocar carícias, passarmos a noite naquele jogo sedutor que era só nosso. Havia também o calabouço em Pedrosa, que visitávamos ocasionalmente e que sempre me deixava louca, além dos meus limites. Com Theo nada era morno ou maçante, constantemente havia algo para fazer, curtir e sentir. Chegava a ser tão maravilhoso que muitas vezes parecia que eu vivia um sonho. Do qual nunca gostaria de acordar.

Era outra vida, totalmente diferente do que vivi tantos anos. E eu me sentia muito grata por ela. Ocasionalmente lembranças ruins voltavam, eu tinha pesadelos em que perdia Theo por conta da vingança, ou via minha mãe me acusando de ser traidora. Outras vezes eu revivia as cenas chocantes na cabana, com minha mãe e Lauro, com todo medo sentido e com a tragédia seguida. Mesmo sabendo que fizemos o que foi preciso, eu às vezes ficava com a sensação de que poderia ter evitado algo e a culpa me assolava. Não foi fácil aceitar o que havia acontecido, mas felizmente tive todo apoio que precisei e Theo estava sempre comigo, fosse para conversar ou cuidar de mim quando acordava chorando.

— Coelhinha ... — Sua voz grossa, com aquele timbre duro, me recebeu do outro lado e a saudade apertou ainda mais. De repente tudo que eu queria era correr dali e estar de novo perto dele, de preferência dentro dos seus braços. — Está vindo?

— Theo, aqui está chovendo muito. Quero ir para casa, mas a estrada está intransitável. Tenho que esperar melhorar para sair.

Falei alto em meio à barulheira de gente e música. Por um momento ele ficou em silêncio e pude imaginá-lo sério, com aquela ruga entre os olhos que deixava seu olhar mais intenso. Apertei o celular.

— Vou buscar você. — Decidiu e na mesma hora retruquei:

— Não precisa. Vai acabar preso na rua cheia de água. Vou esperar um pouco e, assim que melhorar, aviso que estou saindo.

— É perigoso.

— Não é, fique tranquilo. Só vou quando as coisas melhorarem.

— E se a chuva não passar?

Era meu medo, mas não quis pensar naquilo. Garanti:

— Vai passar. É apenas um temporal de verão.

— Está tudo bem aí?

— Sim.

— Se divertindo?

— Foi bem legal, mas ...

— O que, coelhinha?

— Saudades de você. — Murmurei, dizendo a mais pura verdade. — E as crianças?

— Dormiram.

— O que está fazendo?

— Estou na varanda. Tomando uísque e pensando em você.

Fechei os olhos por um momento, me imaginando chegando, sentando no colo dele, sentindo o gosto de uísque em sua língua. Meu corpo ardeu, a vontade foi tão grande que quase senti seu cheiro me invadir, a textura do seu cabelo escuro em meus dedos.

— Também estou pensando em você, Theo ... — Minha voz saiu tão baixinha que nem sei se conseguiu ouvir.

Lamentei intimamente não ter saído mais cedo dali, mas não adiantava nada. E de certa forma, era saudável a gente não ficar grudado o tempo todo, eu ter tempo para amigos e faculdade, além de tudo. O problema era aquele amor forte, aquele desejo quase insano de um pelo outro, que nos consumia sem dó. Parecíamos ter imã, nos puxando com força.

— Não saia sozinha se estiver chovendo forte. Não se arrisque. Me avise, que eu vou buscá-la.

— Pode deixar. Assim que melhorar, eu vou e te ligo.

— Certo.

— Estou com saudades.

— Eu também, coelhinha.

Minha vontade era de ficar ali naquele canto, ouvindo a voz dele, sentindo as vibrações por dentro. Mas respirei fundo, sorri sozinha, fui mais leve:

— Te amo.
— Idem.
— Tchau, amor.
— Tchau, coelhinha.

Desliguei e guardei o celular no bolso. Voltei para o meio dos amigos, sem a animação de antes, meus olhos chateados para a chuva lá fora através da janela. Suspirei e tentei participar da farra, enquanto esperava.

A maior parte dos colegas não saiu dali, todos aguardando o tempo melhorar. Enquanto isso eles bebiam e dançavam mais, contavam histórias, se divertiam. Eu acabei sentando, um pouco cansada, com saudades também de Helena e Júnior, que só tinha visto pela manhã. Notei que já era quase meia-noite e o temporal só piorava.

— Tudo bem, Eva?

Olhei para o rapaz que sentava ao meu lado e era colega de turma. Vinícius tinha se aproximado de mim várias vezes durante a noite, sempre em busca de conversa. Era um cara legal, atraente, inteligente. Eu gostava dele, mas me mantinha um pouco afastada por conta de seus olhares.

Desde que comecei a faculdade, ele me notou e tentou se aproximar. Logo de cara deixei claro que era casada, feliz, com dois filhos. Vinícius nunca avançou os limites, mas eu me mantinha atenta para que não confundisse as coisas. Como naquele momento.

— Tudo ótimo.
— Parece preocupada.
— Com o horário. Está ficando tarde e a chuva não passa.
— Mas ainda é cedo. Por que não aproveita?

Sorriu, seus olhos escuros brilhando para mim.

As meninas da turma ficavam loucas por ele. Era destaque tanto pela beleza máscula, quanto pelas notas altas. Vivia cercado por elas, acostumado a chamar a atenção. Talvez me notasse tanto exatamente por não ser como as outras, interessadas nele, e isso o incomodasse.

Olhei para a aliança grossa em meu dedo anular, minha mente se enchendo com imagens de Theo. Sua boca carnuda, seus olhos com aquela intensidade azul, suas mãos firmes em mim. O modo como me olhava como se fosse me engolir viva e me virava pelo avesso. As coisas que fazia na cama, a dominação e a entrega. Emoções diversas me invadiram e mais uma vez quis desesperadamente estar com ele.

Quando encarei Vinícius, vi apenas um garoto. Sim, lindo, mas nem

chegava aos pés de Theo. Como ninguém o faria. Sorri educadamente e me levantei, fingindo não notar seu interesse constante.

— Aproveite também, Vinícius. Com licença.

Fui para perto de Liana e outras colegas. E rezei para aquela chuva passar logo.

Elas estavam animadas, falando alto, algumas já meio bêbadas. Uma delas me cutucou e disse alto:

— Parece que tem alguém apaixonadinho pela nossa loira linda! Menina, o Vini nem disfarça! Olha lá, não tira os olhos de você!

Fiquei sem graça, tentando fingir que não era nada daquilo. Outra, maliciosa, opinou:

— Você bem que gosta, não é, Eva? Dos caras ficarem a fim?

— Eu sou casada. — Olhei-a diretamente.

— E o que que tem? — Riu e outras a acompanharam.

— A Eva não é assim, gente. — Liana defendeu.

— Assim como? Que mal há em ser paquerada? Eu adoro! — Veio mais perto, com olhos brilhando. — Gente, variar ás vezes é bom. O cara nem precisa saber! Nós mulheres somos boas em disfarçar. Eles nem desconfiam! É só fazer direitinho.

— Cada um pensa de uma maneira. Eu não preciso variar, sou muito feliz com meu marido.

Agatha riu do meu comentário, como se fosse engraçado. Fiquei um tanto irritada por ser leviana, por achar que eu dava bola para Vinícius. Minha vontade de sair dali aumentou.

— Linda como é, com gatinhos a fim? Tem certeza, Eva querida?

— Sim, tenho certeza.

Ela deu de ombros, rindo com as amigas, o olhar maldoso.

— Se você diz, tudo bem. Só me fala uma coisa, seu marido é gostoso como Vinícius? Vale a pena o sacrifício?

Vi que aquela garota só queria me perturbar e não merecia atenção. Olhei para Liana, falei outra coisa e tentei mudar aquela conversa ridícula.

Felizmente Agatha me deixou em paz e foi se pavonear para os rapazes, que não deram muita atenção a ela. E eu consegui me distrair com colegas mais simpáticas e educadas.

O tempo passou. O restaurante esvaziou um pouco mais, as notícias eram de enchentes em algumas partes da cidade, de trechos fechados. Inclusive em direção a Florada. Comecei a me preocupar mais,

principalmente quando Liana me disse que seria difícil voltar para a fazenda e me convidou a passar a noite na casa dela, ali perto.

— Não posso. Theo vai ficar preocupado e furioso! Nunca passamos uma noite longe um do outro.

— Mas é um caso particular, Eva. Não pode voltar nadando para lá! Ligue e fale com ele.

Fiquei angustiada, garantindo que mais um pouco tudo melhoraria. O que não aconteceu. Meu celular tocou novamente e era ele.

— Como estão as coisas por aí?

— Theo, a tempestade não passa. Várias ruas sem acesso. — Respirei fundo, já arrependida de ter ido àquela confraternização. Teria preferido mil vezes estar com ele, com nossos filhos. Mas não adiantava lamentar.

— Vai esperar mais? Já passa muito de meia-noite.

— Eu sei. Liana, minha amiga que mora aqui perto, me chamou para ficar na casa dela até tudo melhorar, mas ... — Eu me calei, tensa, ainda mais quando seu silêncio pesou. — Vou aguardar aqui no restaurante.

— Estou indo aí.

— Não vai adiantar, Theo. E vou ficar mais preocupada!

— Eu já ...

A voz dele falhou e o chamei:

— Theo, está ouvindo? Não venha. Está tarde. Quando o temporal passar, eu ligo e você me encontra no meio do caminho. Ou ... Theo ... Está conseguindo me escutar? Theo?

A ligação caiu. Liguei de novo e deu fora de área. Tentei várias vezes, irritada, preocupada. Mandei recado no whatsapp, mas ele não visualizou.

Fiquei preocupada com ele. E indecisa, sem saber o que fazer. Liana estava cansada e queria ir embora, mas ficava para me fazer companhia. Eu não queria ir com ela nem ficar ali entre pessoas com quem eu não tinha tanta intimidade, como a cínica da Agatha ou Vinícius, que bebia sem parar e já me incomodava com seus olhares insistentes.

— Calma, tudo vai se ajeitar. Vamos conversar, vem pra mesa. — Liana me puxou para lá, entre outros colegas. — A opção é a gente se divertir enquanto espera. Que tal um chope?

Eu não era muito de beber, já tinha extrapolado naquela noite, mas precisava de algo para me acalmar. Sorri e concordei.

A maioria ficou por ali. E eu tentei relaxar enquanto esperava.

Capítulo 3

Theo

Viviana dormiria ali naquela noite. Eu a avisei que buscaria Eva e saí.

Na fazenda tinha chovido pouco, refrescando o calor da tarde. A noite estava úmida, levemente abafada, enquanto me dirigia para a estrada e para a cidade vizinha.

Tudo era escuro, silencioso. O 4x4 tinha pneus resistentes e eu esperava que passassem sem danos pelas partes com lama e água em demasia. Se fosse preciso faria o percurso a pé, mas traria Eva para casa.

Estava irritado, embora soubesse que não era culpa dela. Nunca tínhamos ficado até de madrugada longe um do outro e eu não esperava que um contratempo daqueles me deixasse sem sua companhia às vésperas do Natal. O tempo se arrastava, chato e lento, perturbador. Não conseguiria dormir de tanta preocupação.

Tomei o caminho contrário ao de Pedrosa, percebendo como as ruas estavam molhadas e como ainda chovia mais para frente. Depois de meia hora dirigindo, as coisas pioraram. Os pingos eram fortes e precisei ligar o limpador de para-brisa sem parar, para poder enxergar melhor.

Parte de um lago tinha enchido e invadido a rua, tornando difícil ver onde começavam e terminavam as laterais da estrada. Felizmente meu carro era forte, potente, preparado para empecilhos daquele tipo. Dirigi com cuidado e atenção, até encontrar lama, galhos espalhados, com risco de derrapagem. A escuridão e a chuva atrapalhavam a visão.

Imaginei Eva ali, em seu carro esporte, sozinha. Tinha feito bem em não se arriscar. Nem sei o que faria se acontecesse algo com ela.

Acabei levando mais tempo do que pensei até atravessar os trechos mais difíceis e finalmente alcançar uma parte segura. Dali para frente acelerei mais e segui até o restaurante onde tinha dito que seria a confraternização. Eu já tinha almoçado nele em algumas reuniões de negócios.

Quando parei ali e saí do carro no estacionamento coberto, ouvi a música alta, vi vários vultos através das janelas. Imaginei se Eva estaria naquele tumulto dançando e, mesmo contra a minha vontade, senti o incômodo ciúme me perturbar. Pisei mais firme e entrei, meus olhos já a buscando.

Estava ainda cheio. Muita gente parecia bêbada, ria alto demais, falava aos gritos. Contornei-as, buscando o conhecido e longo cabelo loiro, as formas da minha mulher. Tudo o que eu queria era tocá-la e levá-la comigo. Depois mandaria alguém buscar seu carro no dia seguinte.

Parei bruscamente quando a vi. Sentada em volta de uma mesa, linda demais, parecendo feliz. Sorria para uma amiga, ouvindo algo que ela dizia. Até um cara chamar sua atenção, muito perto para meu gosto.

Eva recuou um pouco, mas o ouviu. O que mais me deixou puto na hora foi o modo como ele olhava para ela, completamente focado e interessado. O típico garanhão tentando impressionar.

Avaliei tudo na mesma hora. Os outros caras com sorrisos maliciosos, como se observassem o avanço do amigo. A maneira como ele se aproximava além do permitido e jogava charme, usando todas as armas para ter a atenção dela. A animação das meninas em volta, em cochichos. Mas o que mais me irritou foi Eva olhar para ele e ouvir, dar atenção.

Foi mais forte do que eu. O ciúme, a raiva, a vontade de quebrar a cara do desgraçado. Ainda mais ao perceber que todos eram da idade dela, jovens, na flor da idade, só querendo curtir. Ali Eva não parecia a senhora Falcão, casada, com dois filhos. Apenas uma universitária livre e desimpedida, pronta ou não para ser paquerada e cair na lábia de algum escroto.

Não esperei aquilo. Talvez esperasse encontrá-la aflita, tentando ligar para mim, desesperada para ir embora. Nunca daquele jeito, tranquila, cabelos soltos, sendo alvo de interesses de outro cara. Mais de um, se levasse em conta a quantidade de homens naquela mesa.

Por um momento não me movi. Só cerrei os punhos, tentando controlar meus sentimentos alterados, dizendo a mim mesmo que era besteira. Mas meu gênio já estava prestes a explodir, a intervir e tomar conta de toda a situação. Eva era minha, tão minha que até um sorriso que desse para outro homem já era suficiente para me deixar nervoso, irritado.

Ela disse algo e se voltou para a amiga do outro lado. Sem tolerar ser ignorado, o cara segurou seu pulso e a virou para si, dizendo algo em tom de brincadeira, seu corpo parecendo prestes para a caça e a conquista. Andei firme em direção a eles, um manto vermelho cobrindo meus olhos, tudo o que eu via eram aqueles dedos na pele dela.

— Tire a mão da minha mulher.

Todo mundo me olhou quando parei perto da mesa e falei alto, firme,

num tom frio e rascante. Eva já puxava o braço, mas parou surpresa ao me ver. Assim como o homem, que me encarou na hora, como se não entendesse quem eu era ou de onde tinha surgido.

— Theo ... — Eva se afastou dele, seu rosto sobressaltado. Ergueu-se, um tanto ansiosa, meio perdida. Quando deu uma leve cambaleada, percebi que tinha bebido. Muito mais do que já vi fazer um dia. — Eu ... você veio ...

Todos ali olhavam para mim, mas fixei o olhar nos olhos escuros do cara folgado. Minhas mãos coçavam para voar naquela cara e mostrar o que acontecia com quem queria se meter com a mulher dos outros.

Ele ficou desconfortável, ainda mais quando alguns rapazes deram uma risadinha perto, entendendo tudo. E por ser encarado do jeito que eu fazia. Tentou sorrir e disse meio jocoso:

— Eu só estava conversando com minha amiga.

— Converse sem tocar. Ou pode nunca mais ter a oportunidade de mover seus dedos.

Fui tão cru e ameaçador, tão direto, que se surpreendeu. Houve cochicho em volta, Eva se aproximou de mim, dizendo baixinho:

— Calma, Theo. Não foi nada.

Não a olhei, encarando sem piscar o desgraçado. Mas a senti perto, sua preocupação, um certo nervosismo.

O cara sorriu, talvez para não se sentir acuado diante dos amigos e amenizar as coisas. Eu fui mais direto ainda:

— Pode também perder todos os seus dentes.

Ficou sério na hora e ergueu as mãos, afirmando:

— Está confundindo as coisas, eu só ...

— Já falei o que eu tinha para dizer. E acho que você já entendeu. — E como se fosse pior do que um verme e não merecesse a minha atenção, virei o olhar para Eva ao meu lado, percebendo que mordia o lábio de modo nervoso. — Vamos para casa.

— Vamos. — Murmurou.

Ela pegou sua bolsa na mesa e beijou uma das meninas, se despedindo. Aproveitei para encarar de novo o cara abusado, como a garantir que ele me enfrentasse. Na verdade o ciúme sempre me deixava possesso, razão e instinto brigando dentro de mim.

O rapaz me olhava com raiva e despeito, talvez avaliando se valia a pena provocar. Os outros se mantiveram na deles. Eva voltou para perto de mim e, naquele momento, uma garota de cabelos castanhos e com tatuagens,

disse alto:

— Eva, querida, agora entendo sua ânsia em voltar para casa! Não vai nos apresentar seu marido?

Sorriu para mim com olhos brilhantes, quase como a ponto de me lamber todo, se assim eu quisesse.

— Não, Agatha, não vou apresentar meu marido. — Eva foi bem seca, irritada também. — Podemos ir embora daqui, Theo?

Olhei-a e uma energia pareceu crepitar entre nós. Era como se sentisse na pele o que senti ao ver aquele cara tão perto dela, jorrando interesse sexual. Apontei para que fosse na frente e assim o fez. Eu a segui. Precisou acertar a conta no caixa, depois saímos e me acompanhou até o carro.

— Deixe o seu aí. Depois mando alguém buscar. — Abri a porta para ela, sem disfarçar minha irritação. Não disse nada e entrou.

Quando dirigi pelas ruas da cidade, o silêncio pesou no carro. Racionalmente eu sabia que Eva não tinha feito nada de errado, mas não conseguia controlar o ciúme, como se tivesse entranhado em mim. Foi ela quem tomou a palavra, quando chegávamos perto da saída da cidade:

— A chuva estava melhorando. Eu já ia embora.

— Avisei que vinha te buscar.

— Mas a ligação ficou ruim e eu ...não consegui mais falar com você.

Como se eu fosse deixá-la sozinha para correr qualquer risco! Não disse mais nada, concentrado na estrada escorregadia, o limpador de para-brisa ligado e afastando os pingos do caminho. Apertei o volante, sério, sem querer muita conversa naquele momento.

— Por que está com raiva? Não fiz nada de errado.

Continuei quieto, tudo fervendo dentro de mim.

— Eu só me diverti com os amigos da faculdade. E o Vinícius ... bem, eu já estava me afastando quando você interviu. Não dei bola pra ele, se é isso que está pensando, Theo.

— Não falei nada.

— E precisa? Parece que quer matar alguém! Pior foi aquela metida da Agatha, doida para pular em cima de você!

Eva parecia meio alterada. Saber que tinha bebido mais do que o fazia me fez imaginar o que mais teria feito além naquela noite. Dançado com os amigos? Dito alguma gracinha? Se sentido solteira e jovem, querendo experimentar novidades?

Furioso, pensei em coisas que às vezes me perturbavam. Embora

fôssemos muito felizes, eu me sentisse completo com ela e nossa família, ocasionalmente me dava conta de como era bem mais nova do que eu e de como tinha sido sua vida, tolhida desde pequena, jogada no meio de uma vingança que roubou sua infância e adolescência, casada comigo tão cedo. E mãe de duas crianças antes dos vinte e cinco anos.

Eva não teve uma vida fácil. E se sentisse falta de liberdade e de viver tudo que foi privada? Se o nosso amor e o tesão não fossem suficientes diante da rotina e das exigências de ser mãe e esposa? Fazer faculdade, ter mais liberdade, podiam dar a ela um gostinho diferente de uma vida que nunca teve.

— Eu só queria ir para casa, Theo. Só isso. — Sua voz parecia cansada.

Não a olhei nem respondi. Ainda mais quando os trechos piores da estrada chegaram e precisaram de toda minha atenção e cuidado ao volante.

Eu pulsava, cada vez mais possesso, questionamentos perturbando meu discernimento. Nunca me opus que fizesse faculdade, que tivesse uma vida independente. Eu sabia que era saudável e que Eva não podia ser mantida como protegida na fazenda, esperando por mim quando voltava do trabalho. Ela tinha vida própria, sonhos e meios de realizá-los. E depois de tudo que passamos juntos, enterramos de vez dúvidas e desconfianças. Confiávamos um no outro.

Do mesmo modo que tinha ciúmes de mim, que odiava ver Abigail por perto ou alguma mulher me paquerando, eu tinha dela. Não era proibi-la de falar e ter amigos, mas não queria nenhum babaca babão tocando nela com más intenções. Isso já era demais para aturar.

Saímos das partes alagadas e seguimos em frente pela madrugada, onde pouquíssimos carros passavam. Novamente o silêncio estava lá, cheio de peso e irritação, de sentimentos que há um bom tempo não me perturbavam.

Chegamos e Eva parecia chateada, saiu na frente, sem me esperar. Irritada. Deixei o carro lá e parei na cozinha antes de subir, para beber água e me acalmar um pouco.

Quando entrei no quarto estava vazio. Calculei que Eva tivesse passado primeiro para ver nossos filhos. Despi-me e fui ao banheiro.

Ela entrou e mal a olhei. Deitei na cama, o ar condicionado ligado, a penumbra tomando conta de tudo. A raiva ainda borbulhando com o ciúme. Cobri os olhos com o braço e tentei dormir, mesmo sabendo que não

conseguiria tão cedo.

Ouvi seus movimentos, senti seu perfume, quando se deitou ao meu lado e depois ficou quieta. Minhas mãos coçaram para pegá-la, enfiá-la debaixo de mim, meter fundo na sua boceta, mostrar quem era seu macho. Fazer tudo que eu queria com ela, subjugá-la, vê-la gemer e gritar meu nome. Mas o orgulho me cozinhava vivo, me mantinha aparentemente frio.

Eva se remexeu. Parou. Virou de novo. Parecia incomodada, ansiosa. Por fim, tocou meu braço, disse baixinho:

— Vamos conversar.

— Quero dormir.

— Theo, pare com isso. Vai ficar com raiva agora? O que eu fiz?

Tirei o braço da frente e a mirei, bem sério. Estava irritada, cabelos espalhados enquanto se debruçava sobre mim. A camisola mal a cobria e aquilo fez meu sangue correr ainda mais rápido nas veias.

— Você deixou aquele cara te tocar.

— Eu? Não deixei não! Eu puxei o braço!

— Estava dando confiança. Ele não agiria assim se não tivesse liberdade.

— Pare com isso! Mal falo com ele, Theo! Todo mundo tinha bebido demais e ...

— Isso é desculpa?

— Não estou me desculpando! Não fiz nada!

— Então não temos com o que nos preocupar.

Voltei a pôr o braço sobre os olhos, ignorando-a de propósito. Eva suspirou com raiva, bateu no travesseiro e se deitou bruscamente.

Eu me senti um tolo por ficar tão enciumado, por não conversar e resolver aquilo como uma pessoa normal. Mas estava perturbado, incerto com aquelas amizades dela, com o que poderia querer dali para frente. Era a primeira vez que Eva se afastava do nosso meio, que buscava novos interesses. E nosso passado tinha sido conturbado demais, muita coisa ainda podendo interferir dali para frente. Ou não.

Talvez nosso casamento não fosse tão perfeito como eu idealizava. O ciúme, a possessão que sentíamos podia se voltar contra nós. Quando eu precisava viajar a negócios, ela dava um jeito de me acompanhar, exatamente por não querermos distância um do outro, nem a mínima de poucos dias. Mas e agora, fazendo faculdade? Faltaria? Preferiria ficar com os amigos?

Não me aproximei, até porque a ira se misturava com o tesão e eu ia

querer algo mais pesado. Não gostava de perder o controle, era melhor me manter longe. Eva também pareceu com raiva e não tentou mais nada.

Foi uma noite bem ruim. Viramos de um lado para outro, meu orgulho e meu ciúme me mantendo longe, ela irritada. Mexemos, fingimos dormir, evitando um ao outro. Mal o dia amanheceu e eu me levantei e saí dali, para uma cavalgada exaustiva na fazenda. Quis voltar mais relaxado, mas isso não aconteceu.

Quando entrei, Viviana e Eva tomavam café com as crianças na cozinha, mas nem fui lá. Só ouvi e subi para tomar uma chuveirada. Desci mais tarde. Do lado de fora vinham risadas de Helena e Júnior. Segui para a cozinha e me deparei com Eva lá, fechando a geladeira.

Ela me olhou, séria, um pouco abatida. Só acenei com a cabeça e fui me servir de café, dando-lhe as costas.

Enchi uma xícara e fui para a mesa, ocupando a cabeceira. Estava posta com frutas, sucos, pães e bolos. Peguei apenas uma torrada e o jornal dobrado a um canto, fingindo que não a via ali. Mas totalmente consciente de que caminhava até a pia e perambulava, sem algo específico para fazer.

Tentei prestar atenção no jornal. Então enrijeci quando veio por trás e enfiou as mãos em meu cabelo, se inclinando e dizendo suavemente perto da minha orelha:

— Eu te amo e isso nunca vai mudar.

Endureci, pego de surpresa. E então tudo veio junto: a certeza de que estava sendo bobo por conta de ciúmes, o tempo que perdíamos de birra um com o outro, o amor avassalador que aquela mulher me fazia sentir. E o desejo, sempre lá, latejando, ganhando força entre nós.

— Coelhinha ... — Agarrei-a forte, puxando-a para meu colo. Tão logo aterrissou ali, já me agarrou esfomeada e eu saqueei sua boca vorazmente, meus dedos pressionando sua nuca, meu corpo já exigindo o dela.

Beijei-a com fome e tesão. Tomei sua língua na minha e invadi o que eu quis, ajeitando-a contra a ereção que crescia, apertando-a tanto que até ficava difícil saber onde era sua pele e onde era a minha. Eva me beijou de volta com paixão, soltando pequenos gemidos contra meus lábios, murmurando:

— Odeio brigar com você ...

— Foi uma noite horrível. Parece que faltava um pedaço meu.

— Bem assim, Theo. — Agarrou meu rosto, dando beijos afogueados,

enlouquecendo com minhas mãos em seu corpo, ansiosa por mais.

Segurei firme seu cabelo, fazendo com que me olhasse. Estava tenso, duro, doido para fazer tudo que eu queria com ela desde a noite anterior, devorá-la com luxúria, castigá-la por me deixar sofrer daquela maneira. Minha voz saiu rascante:

— Você é minha, coelhinha. Ninguém encosta na sua pele, ninguém se mete no nosso caminho. E eu sou seu. Seu homem, seu macho, seu marido.

— Eu sei. Ninguém nunca vai mudar isso, Theo.

Puxei-a para mais perto, minha mão subindo por sua coxa sob a saia, a outra ainda mantendo-a presa pela nuca. Falei perto de sua boca, meu olhar segurando o dela:

— Pensa que admitir isso vai te livrar do castigo que merece? Que vai sair impune por me provocar, me deixar sem dormir, doido de ciúmes?

Arquejou, excitada, seus olhos escurecendo, a respiração perdendo compasso. Sussurrou:

— Não fiz nada.

Minha mão chegou perto da sua virilha. Entreabriu os lábios quando meus dedos ergueram o elástico da calcinha e se infiltraram ali. O tempo todo prendi seus olhos nos meus, dando uma ordem silenciosa para abrir as pernas, para me permitir o acesso que eu queria. Assim o fez, entre um ofego e outro, o bastante para que eu acariciasse suavemente o seu clitóris.

— Fez e vai pagar.

— Ah ...

Esperou, ansiosa por mais. As coxas foram para os lados, senti a umidade me convidando, mas minha carícia foi pouco mais que um roçar, só para provocar, deixá-la no ponto. Eva se mexeu, lambendo os lábios, querendo me beijar, toda pronta para tudo que eu quisesse fazer.

Quis simplesmente jogá-la na mesa e enfiar meu pau naquela maciez toda, acabar de vez com aquela agonia que me devorava, mas mantive o controle. E sem que esperasse afastei a mão, me levantei, deixando-a meio bamba. Ordenei:

— Vá para o quarto. E fique nua na cama.

Não fez caso, não tentou me convencer. Seus olhos brilhavam, o desejo já pingava dentro dela, exposto para mim. Disse de modo submisso:

— Sim, senhor.

E meu sangue ferveu quando se virou e caminhou.

Deixei que fosse primeiro e respirei fundo. Lembrei do presente que

eu tinha separado para ela na noite anterior, antes de brigarmos. Tinha pensado em usá-lo para carícias. Agora Eva teria muito mais.

Capítulo 4

Eva

Eu tremia de ansiedade. Deitei nua na cama, meus cabelos espalhados, imaginando o que Theo faria comigo. Na certa um daqueles jogos que ele gostava e no qual eu tinha me viciado.

Sexo entre nós era uma loucura sem limites. Mesmo quando só fazíamos amor, era como se um vulcão entrasse em erupção. Eu ardia, queimava, entrava em um mundo só nosso onde cada um conhecia seus pontos fracos, onde explorávamos peles e desejos sem reservas ou medos.

Ali, no nosso quarto, nada era proibido. E quando íamos ao calabouço, quando as coisas ficavam mais pesadas, ele respeitava e já sabia o que me dava prazer e o que eu não queria. Tínhamos chegado a um patamar onde nos conhecíamos pelo avesso e nos completávamos cada vez mais.

Quando a porta abriu e depois quando ouvi sendo trancada, meu coração falhou uma batida. Entrou e meus olhos bateram nos dele, causando um rebuliço dentro de mim. Era o homem mais sexy e lindo que eu conhecia, uma força incomum e maravilhosa, o meu marido, o meu amor. Se eu vivesse dez vidas, nessas dez vidas me impressionaria a cada vez que o visse caminhar para mim.

Seu olhar azul escuro sondou minha pele, minhas curvas e contornos, que conhecia até de olhos fechados. Gostava de dizer que fiquei ainda mais gostosa depois da gravidez, com seios mais fartos, quadris mais arredondados. E eu ficava feliz por me admirar tanto quanto eu o admirava.

Esperei que se despisse, que me tomasse, já ansiando por sua boca na minha, por seu pau grosso tomando conta de mim, por seu cheiro me embriagando. Ao mesmo tempo, soube que me torturaria até implorar e gozar como louca, com qualquer coisa que fizesse e que me dominasse.

Não veio para a cama. Foi para o closet e levou seu tempo. Soltei o ar, sem nem perceber que o mantinha preso, minha pele toda arrepiada. Quando voltou estava completamente nu, o pau ereto, lindo de morrer. Trazia dois objetos nas mãos, mas me distraí com tanta beleza para admirar.

Subi por seu corpo forte e longo, pelo peito modelado, até seus olhos pesados de desejo, que não disfarçavam aquele intenso brilho azul. Era um exemplo perfeito de macho viril, duro, extraordinário. Fiquei sem ar, sem

poder respirar direito. Eu o via e o sentia com cada parte de mim, com todos os sentidos, precisando de seu contato, de sua pele morena na minha, de tudo que imaginava fazer comigo. Imaginei se um dia aquela fome amainaria de alguma maneira, pois para mim só parecia crescer. Cada vez mais.

— Seu presente.

A voz rouca me abalou e com esforço me concentrei em suas palavras. Sentou na beira da cama, sem me tocar, deixando uma fita longa e preta sobre a cama, que às vezes usava para prender meus pulsos no espaldar. Olhei curiosa para o objeto que eu já conhecia e ele sorriu lentamente.

— Não isso. A fita é para te amarrar. Esse é o presente.

Estendeu-me um pacote médio, embrulhado em papel vermelho. Segurei, murmurando:

— Mas já me deu o presente de Natal na semana passada. As joias.

— Esse é diferente. Abra.

Engoli em seco, puxando o papel, curiosa. Apareceu a embalagem transparente e dentro dela um pincel grosso e preto para passar blush, com detalhes em dourado. Confusa, olhei para Theo.

— Um pincel?

— Sim.

— Mas eu ... tenho tantos. Mesmo assim, obrigada.

— Só me agradeça quando eu terminar, coelhinha.

— Terminar?

Pegou o pincel e o deixou sobre o lençol. Então ordenou:

— Junte os pulsos.

Obedeci na hora, um pouco trêmula, meus olhos fixos no pincel enquanto amarrava meus pulsos. Observei a haste longa e arredondada para segurar, as cerdas macias e cheias, os detalhes bonitos e bem trabalhados. Novinho. Pronto para ser usado pela primeira vez em mim. Tive certeza de que eu o experimentaria como nunca imaginei antes.

Theo ergueu meus braços e prendeu a outra ponta da fita no espaldar de grade. Fiquei com os braços juntos, acima da cabeça. Sem poder sair dali. Cada vez mais ansiosa.

Olhou-me e me prendeu nas emoções fortes que demonstrava. Inclinou-se para frente e beijou-me longa e profundamente. Abri os lábios, adorando o contato dos dele, o modo como me lambeu de modo explícito, como costumava fazer na minha boceta. Ergueu a mão e a envolveu em volta da minha garganta, sem apertar demais, apenas o bastante para que eu me

sentisse presa, exposta para tudo que quisesse fazer para me dominar.

Eu pulsei e abri mais as pernas, sentindo o sexo formigar, úmido, querendo a mesma atenção. Sempre tinha o poder de me deixar em expectativa, imaginando mil coisas, desejando tudo, embriagada. Tive completa consciência da minha pele nua, do coração acelerado, do tesão percorrendo cada canto em mim, por dentro e por fora. E fiquei totalmente abandonada diante do seu beijo, daqueles dedos em minha garganta, apertando o suficiente para me subjugar. Entre as pernas eu fervia, precisando dele.

Theo mal tinha começado e eu já delirava, entregue. Retribuía o beijo delicioso, infinito, que me arrebatava e jogava em uma espiral frenética o bastante para arrepiar meus mamilos, para criar ondas de tesão em meu corpo. Lamentei quando descolou a boca e afastou a mão, me deixando vazia, sedenta.

— Muitas vezes imaginei que Deus foi caprichoso ao criar você, coelhinha. Perfeita, suave, feminina. — Theo pegou o pincel e o desceu suavemente até minha face, seu olhar duro e fixo, sua voz baixa e grossa. — Ele a desenhou e pintou com esmero. Assim.

Passou as cerdas incrivelmente macias e suaves sobre meu rosto, como se contornasse meus traços. Prendi o ar, ainda mais quando desceu até meus lábios inchados dos beijos, causando comichões. Fiquei imóvel, acariciada de modo tão leve até a garganta, pequenas cócegas me fazendo reagir e me mover. Estava hipnotizada pelo olhar ardente sobre o meu, enquanto ia tocando minha pele com o pincel.

Engoli em seco quando as cerdas percorreram meu colo e foram em volta de um dos meus seios e depois do outro. Os mamilos endureceram ainda mais, apertados, excitados. Por fim passaram sobre eles e a sensação foi deliciosa, espalhando prazer suave, fazendo-me soltar gemidos baixinhos.

— É bom?

Acenei, sem voz, imaginando toda aquela carícia perturbadora e torturante pelo corpo.

— Aproveite, coelhinha. Não sou sempre tão terno assim.

— Então vem ... me tome.

— Quando eu quiser. Se assim eu desejar.

Theo sabia me deixar no limite, se impor, pois entendia que isso mexia com minha libido, com desejos secretos. O tanto que gostava de mandar e dominar na cama se equiparava ao tanto que eu gostava de

obedecer aos seus caprichos. Arfei, pois podia jurar que me viraria pelo avesso até eu implorar pelo alívio do tesão absurdo.

— Por favor ... — Choraminguei quando o pincel passou por minha barriga em movimentos circulares, deixando os pelinhos do corpo arrepiados, descendo até o ventre, me fazendo contorcer.

— Abra as pernas.

— Theo ...

— Abra as pernas.

Sua voz dura piorava tudo, me jogava naquela vertente inquieta e lancinante. Assim como seu olhar feroz, que não disfarçava o quanto ver meu estado mexia com ele. Estava totalmente ereto.

Joguei a cabeça para trás e miei quando as cerdas passaram mansamente por meu clitóris, fazendo-me estremecer. Automaticamente fechei as coxas, ondulando, até ordenar de novo:

— Abra! Fique quieta!

— Não consigo ... ah ...

Choraminguei de novo quando nova pincelada passou no meu clitóris. Fechei os olhos, latejando, lutando para arreganhar as pernas, longos gemidos eclodindo da minha garganta. Para piorar, ele me pegou de surpresa ao passar as cerdas na boceta de modo lento, ao mesmo tempo que dava um beliscão duro no mamilo esquerdo. Gritei e me sacudi toda, abrindo os olhos de repente, encontrando o seu olhar azul dominador.

— Theo, pare ... oh ... oh, meu Deus ...

Pincelou meus lábios vaginais. Torturou o mamilo entre os dedos até arderem, quentes, dor e suavidade em lugares diferentes do corpo. Novamente não suportei a intensidade, a agonia, o prazer arrebatador e me movi na cama, fechando as pernas, ondulando, tendo espasmos.

Eu estalava de tanto tesão. Meus mamilos doíam, minha boceta pingava, cada parte minha parecia tocada. Minha vagina latejava sem controle.

— Está merecendo um castigo.

— Mas eu ... Theo!

Virou-me bruscamente na cama, de bruços. Antes que eu soubesse o que ia fazer, trepava nas minhas pernas por trás, me imobilizando. Novo grito saiu quando deu um tapa ardido em uma das nádegas.

— Ah!

— Falei que ia te castigar. Se comporte!

Estremeci e agarrei a fita entre os dedos, cabelo caindo em meu rosto, a respiração saindo em haustos. Soltei gemidos quando deu mais tapas na mesma nádega, um atrás do outro, fazendo-a queimar e lágrimas encherem os meus olhos. Parou de repente e esperei, tensa, como se estivesse pendurada em uma corda bamba. Meu coração disparava como louco.

Não me tocou mais por um tempo e foi uma tortura esperar. Então veio sua mão afastando todo meu cabelo para um lado, expondo minhas costas e minha nuca. Foi ali que passou a cerda macia do pincel, fazendo novos arrepios descerem por minha coluna. Arquejei, sacudida.

Brincou naquele ponto sensível do meu corpo, onde sabia que eu gostava de receber beijos e mordidas. Sem pudor eu miei mais alto, respirando entrecortada em pequenos lamentos que imploravam por mais. Era tudo volátil, ardido, pulsante. Eu doía com necessidades de Theo, de seu pau me enchendo, de tudo que quisesse fazer comigo. Na verdade, eu adorava quando ele me obrigava a ceder aos seus desejos.

As cerdas desceram mais, circulando em minhas costas, causando arrepios. Percorreram minha espinha, chegaram até perto do cóccix. E por fim circularam lentamente na nádega que não tinha recebido os tapas. De um lado ardia, do outro as carícias eram doces, até mesmo ternas.

Mexi-me, soltando sons baixinhos, presa sob seu corpo. Sacudi-me. E então sua voz veio vibrante, cheia de tesão, alertando:

— Ainda tem mais. Muito mais.

Eu estava sobrecarregada de sensações. Minha boceta latejava, o clitóris parecia inchado roçando a cama. Tudo era muito vívido e intenso. Imaginei o que planejava, até que me mostrou, ao arreganhar minha bunda com uma das mãos e descer o pincel ali bem lentamente, entre elas. Perdi o ar quando as cerdas passaram em volta do meu ânus, causando cócegas e certa agonia, que me fez remexer, sem saber se queria mais ou escapar.

Nunca tinha passado algo tão perturbadoramente sensual ali, doce e tenso ao mesmo tempo, carícias ínfimas e mesmo assim fortes demais. Quase chorei de tanta paixão e descontrole quando desceu pelos lábios até o clitóris e voltou, me torturando demais, fazendo com que eu latejasse por toda parte. Queimei, gemi, delirei. Mordi o travesseiro, achando que gozaria.

Não parou. E quando pensei que não suportaria mais, as cerdas se afastaram e vieram mais tapas, agora nas duas nádegas, fazendo-me gritar. Estalei, pronta para um orgasmo lancinante, até mesmo cruciante, mas me alertou baixinho:

— Ainda não.
— Theo ...
Pegou-me de surpresa ao subir mais até minhas coxas e se inclinar sobre meu corpo. Senti seu pau deslizar por trás e perdi o ar quando me invadiu na boceta, forte e fundo.
— Ah, meu Deus! Ah ...
— É isso que você queria, coelhinha?
— Sim. Oh, sim!
E meteu, estocando sem dó, até eu senti-lo no útero, todo dentro de mim. Empinei-me, chorei contra o travesseiro, estremeci. Ele me tomou, do jeito que fazia sempre e que me enlouquecia, deixando todos os meus sentidos alertas e ligados, cheios de volúpia. Até parar lá dentro, praticamente sentado, uma das mãos apoiando a minha coluna.
Desceu-a para a bunda e a abriu, sem sair de dentro de mim. Ali passou de novo as cerdas sobre meu ânus e me contraí toda, massageando seu pau, movendo-me sem controle.
— Ai, Theo ... ai ...
— Isso, coelhinha safada. Engole meu pau.
— Theo ... eu ...
Perdi a fala e voltei a morder o travesseiro, me tremendo toda, sacudida com as carícias. Foi demasiado excitante, mas ele não me dava trégua, não me deixava gozar. Quando percebia que eu ia explodir, parava, apenas deixava de passar o pincel ali.
Minha respiração acompanhava o bater louco do meu coração. Ainda mais quando cuspiu na mão e passou em meu ânus. Meteu devagar o dedo ali, sabendo que me deixava fora de mim. Excitou-me mais, de modo excessivo, seu dedo e seu pau em locais diferentes.
Achei que desabaria, que não havia mais nada para me conter. Então parou de novo, tirou o dedo. E, surpreendendo-me, virou o pincel com as cerdas para cima e forçou a ponta roliça em meu ânus.
— Theo ...
Fiquei nervosa, com medo de machucar. Não teve pena:
— Fique quieta. Vou meter o cabo todo dentro de você.
— Eu ... ai ...
Estava apertada, com ele me enchendo pela frente. Mas o cabo não era muito longe nem grosso. E eu estava excitada, melada, cheia de saliva ali. Lentamente entrou e por fim parou, deixando só as cerdas de fora.

— Porra, que linda ...

Segurou meu quadril e moveu-se, metendo o pau em mim.

Foi meu fim. Gritei roucamente contra a fronha, suada, arfante, delirante. Gozei tanto, mas tanto, que não parava nunca, cheia, dilacerada de prazer.

— Coelhinha ... ah ...

Despejou seu esperma quente por dentro, gozando também, até nós dois ficarmos sem ar, sem fala. Então parou e, delicadamente, puxou o pincel para fora. Largou-o na cama e se deitou, me virando e levando para seus braços.

Minhas pálpebras estavam pesadas. Nossas pernas ficaram entrelaçadas, seu peito esmagando meus seios, seus olhos buscando os meus. Demorei até conseguir voltar a pensar, exausta do orgasmo intenso, das torturas que tiraram as minhas forças, meus pulsos ainda presos.

— Acho que devia ter te castigado mais.

— Isso ... foi um castigo? — Murmurei num fio de voz, arrebatada.

Ele soltou uma risada rouca e beijou meus lábios.

— Se não funcionou, vou aproveitar que está presa e pegar mais pesado.

— Vai me matar, isso sim!

Aconchegou-me toda em si e me cheirou perto do cabelo, tão satisfeito quanto eu. A voz saiu rouca:

— Gostou do presente?

— Nunca mais vou usar um pincel no blush. Agora são todos seus, meu amor. Pode usar a vontade em mim.

— Safada.

Ronronei contra seus lábios e o beijei de volta, completamente apaixonada. Não imaginava uma vida melhor do que aquela. Nunca.

Capítulo 5

Theo

Na tarde de domingo caminhei até o casarão. Eva tinha ido até a casa de Micah e Valentina com as crianças, elas estavam armando alguma brincadeira para a revelação dos presentes no Natal. Faríamos amigo secreto da família.

Tia estava agitada na cozinha, orientando alguns empregados para os preparativos da Ceia, garantindo que o peru quem assaria era ela no dia seguinte. Sorriu ao me ver e quando fui beijá-la.

— Oi, filho. Animado para a festa?

— Sempre. Ainda mais por passarmos todos juntos.

— Verdade! É tanta gente agora! — Ela sorriu, gostando do alvoroço. — Vou fazer aquele bolo de nozes que você adora!

— Essa é a melhor parte. — Sorri também. — Cadê o pessoal?

— Por aí. Acho que Joaquim foi ver algum touro com Heitor, parece que nasceu dessa espécie nova que compraram.

— E meu pai?

— No quarto. Está descansando.

A cada dia Mário Falcão se tornava mais debilitado, a idade cobrando seu preço. Mas ao menos vivia sem o rancor e sem a angústia de antes, muito mais leve e feliz.

— Vou ver se está acordado.

— Ele vai gostar.

Beijei seus cabelos e peguei o corredor em direção ao grande quarto no final. Entrei. Uma das enfermeiras mexia no celular perto da janela e meu pai dormia serenamente na cama, seus cabelos brancos contrastando com a fronha azul escura.

Cumprimentei a mulher e perguntei se queria tomar um café, que eu ficaria ali um pouco. Concordou e saiu.

Andei pelo quarto sem fazer barulho, apenas para ficar perto do velho. Vinha sentindo a vida deixando-o cada vez mais. Era forte como um touro, mas eu queria aproveitar ao menos o tempo que tinha e que se esvaía aos poucos. Observei-o, enquanto ia até o aparador perto da janela e parava ali.

Tinha se tornado rotina os filhos e netos o visitarem sempre. E meu

pai gostava. Se divertia com as loucuras de Micah, ouvia com atenção notícias sobre os negócios da fazenda com Pedro e Heitor, gostava quando Joaquim vinha jogar dominó ou xadrez com ele, sorria quando eu apenas conversava. Mas o que mais apreciava mesmo era sentar perto do jardim da minha mãe e ver as crianças por lá, brincando, fazendo barulho. A fazenda tinha vida e isso fazia bem a ele.

Meus olhos foram em direção às fotos expostas em belos porta-retratos, sobre o aparador. Primeiro pararam em uma antiga, da minha mãe jovem e linda, sentada na varanda, olhar perdido nas terras. Seus cabelos loiros estavam soltos e seu rosto era lindo, expressivo, com algo de delicadeza e melancolia pairando em seus traços. Depois seguiram para outra, de quando eu já havia nascido, ela um pouco mais velha. Estavam juntos e meu pai a abraçava por trás, ambos montados em um cavalo.

Fui invadido pela nostalgia, a cena bem real diante de mim. Quase pude me ver ali, pequeno, talvez com 4 ou 5 anos, observando os dois chegarem no cavalo. Tia estava comigo quando pedi para passear com eles. Lembro que minha mãe me olhou e sorriu de verdade, sem a tristeza ou o modo calado de se esconder.

Mário desmontou e me pegou no colo, pondo-me diante de minha mãe na cela, dizendo algo que não recordo ao certo, mas que me fez sentir importante. Ele tirou o chapéu da cabeça e colocou na minha, enorme. Depois me deu as rédeas para segurar. Alice manteve as mãos sobre as minhas, mas achei que era eu quem fazia o cavalo andar.

Foi uma lembrança antiga, que tinha ficado guardada muito tempo. Nossa vida foi tão atribulada, com tantas coisas acontecendo e sendo marcantes, que outras acabaram escondidas. Muitas vieram com o tempo, com a saudade ou com a paz que agora fazia parte dos nossos dias.

Tivemos momentos felizes. Minha mãe saía às vezes de sua capa protetora e se mostrava, fazia carinhos, dizia que me amava. Seus toques eram ternos, seu cheiro bom, seus beijos de amor. Naquele dia trotou suavemente comigo perto da casa, conversou coisas simples sobre a fazenda e o fato de eu ser um grande cavaleiro quando crescesse, voltou sorrindo até a varanda, onde meu pai aguardava. Tia não estava mais ali.

Ele me ajudou a desmontar e eu não quis devolver o chapéu. Depois o olhei segurando a minha mãe perto do corpo, fazendo-a resvalar colada até pôr os pés no chão. Murmurou algo em seu ouvido e ela corou, um pouco nervosa, agitada. Olhou-o de um jeito que me marcou, mas que nunca entendi

bem. De modo intenso, quase com desespero. Depois entrou em casa afobada.

Mário veio até mim, me pegou no colo e foi até o degrau. Era alto, forte, parecia que eu não pesava nada. Recordei detalhes, sem saber se tinha sido mesmo assim, a sensação do chapéu grande bem real. Ajeitou-o melhor e disse com voz grossa, cheia de orgulho:

— Está vendo essas terras, Theo? Um dia serão suas.

Olhei a imensidão, impressionado. Ele continuou, apontando um morro:

— Elas vão além dali, muito mais do que pode ver. Nada foi fácil até chegar a isso tudo. Mas é nosso, da nossa família. Sua e do seu irmão que vai nascer.

— Irmão?

— Sua mãe acabou de me dizer que está grávida.

Fiquei feliz. Queria alguém para brincar comigo e sorri, afirmando:

— Vai ser um menino.

— Como você sabe? — Ele me encarou, uma sobrancelha erguida.

— Para brincar comigo. Quero ter muitos irmãos!

— E vai ajudar a cuidar deles? Você é o mais velho.

— Vou cuidar de todos eles! — Disse orgulhoso.

Mário riu, gostando da resposta. Voltou a olhar para as terras, o céu vermelho com o sol se pondo, parecendo em paz e feliz.

— Você quer muitos filhos, pai?

— Quero. Nunca tive irmãos. É triste ser criado sozinho.

Ele sempre me parecia muito forte e poderoso. Era difícil imaginar meu pai sozinho ou triste. Garanti:

— Vamos ser bons filhos para você.

— Você já é, Theo.

Acenei, feliz com a resposta. Passei meu braço em volta do ombro dele, olhando também a paisagem que eu já amava com todas as minhas forças, planejando por onde correr quando meu irmão nascesse. Ficamos ali, até minha mãe surgir na porta e nos chamar para lanchar, avisando que tinha bolo de milho, o meu preferido.

Entramos com ela. Eu ali no meio dos dois, alegre, protegido. Sem imaginar as tragédias que minha família passaria mais a frente.

No quarto, olhando a foto, fui remetido aquele dia e voltei, soltando o ar, sentindo-me do mesmo jeito. Gostei muito da lembrança inesperada, das

sensações. E do fato de ter sido próximo dos meus irmãos e ter feito tudo que pude por eles. Da amizade que ia além dos laços sanguíneos.

Meu olhar foi atraído para a maior foto de todas, colocada no meio do aparador. Era recente, a última que tiramos todos juntos no Natal retrasado. Mário Falcão estava no centro, em sua cadeira de rodas, olhando diretamente para frente com um olhar parecido com o da minha lembrança de criança: olhar orgulhoso e em paz. Em volta dele Tia, os filhos todos, as esposas deles, os netos. Perto de mim Eva, eu com Helena no colo, ela com Júnior ainda bebê.

Só faltava a minha mãe ali, para ser completo. Mas a vida tinha seguido seu curso. Não dava para mudar nada.

— Ham ...

Ouvi o som atrás de mim e me virei. Ele me espiava da cama, o cenho meio franzido. Me aproximei.

— Acordei o senhor?

— Ham ... não ...

Sentei na poltrona ao lado e seu semblante relaxou. Virou o olhar para as fotos ali expostas, curioso. Pareceu observá-las um tempo, depois se voltou para mim. Falei baixo:

— Vi aquela fotografia do senhor no cavalo com a minha mãe. Lembro de que me deixou dar uma volta com ela e colocou seu chapéu na minha cabeça. Acho que não deve se recordar.

O olhar era atento, firme, quando acenou. E completou:

— Ham ... lem ... bro ... ham ... ela ... bebê ...

— Isso. Estava grávida do Pedro.

— Ham ...

Ficamos quietos. Ele fitou novamente a imagem de longe, seu semblante parecendo cheio de imagens antigas. Coisas que deveriam estar com ele ali, quando fechava os olhos, quando retornava ao passado. Murmurou:

— A ... li ... ce.

Era saudade, sempre presente.

Um amor que carregava dentro de si, ininterrupto. E que eu entendia bem, por sentir o mesmo por Eva. Eu não sabia o que faria da minha vida sem ela. Talvez o mesmo que o meu pai, viver com sua lembrança sempre dentro de mim, marcada a ferro e fogo, para aplacar um pouco a dor.

— Pai.

Mário me encarou, plácido. Segurei sua mão fria, frágil. Minha voz foi firme, mas pouco mais que um sussurro:

— Não sei se eu disse algum dia isso. Tenho orgulho de ser seu filho.

Seus olhos azuis, tão parecidos com os meus, brilharam. Ainda eram intensos, vivos, como se estivessem muito mais jovens e lúcidos que o seu corpo. Apertou minha mão de volta, com emoções reluzindo para mim.

— Ham ... fi ... lho.

— Sim, seu filho.

— Eu ... ham ... orgulho.

Nunca duvidei daquilo. Algo sempre nos ligou, nos moldou de modos parecidos.

Senti o amor preencher meu peito, assim como a felicidade por ainda ter meu pai conosco. Erramos e acertamos, tivemos nossas cotas de pecados, mas estávamos ali, juntos. Firmes e fortes em nossas personalidades e nossas determinações.

— Amo ... ham ... filho.

— Também amo o senhor.

Não tive vergonha de me aproximar e de beijar seu cabelo branco. Ainda mais quando sorriu, parecendo muito feliz e tranquilo.

Fiquei mais um pouco. Contei sobre as novidades na fazenda, deixei que se esforçasse para perguntar o que queria saber. Até a enfermeira voltar com café para ele. Deixei-o e saí, em paz comigo mesmo.

Ouvi vozes na varanda. Segui para lá. Pedro estava sentado sobre o muro que a cercava, o capacete ao seu lado, suado. A moto lá fora, em frente, ao lado da de Micah. Este ria de algo, acompanhado de Heitor na poltrona e de Joaquim de pé ao lado, todos se divertindo com algo.

— É reunião?

— Só faltava você, Theo. Não acredita no que esse crianção fez! — Micah apontou para Pedro, achando graça.

— Crianção é o caralho! — Pedro apontou o dedo para ele, fingindo estar bravo. — Não é você que gosta de sacanear todo mundo? Só fiz uma brincadeira, oras!

— Brincadeira? Você trapaceou!

— O que aconteceu? — Fui até a outra poltrona e me sentei, enquanto olhava para Heitor e Joaquim, os mais maduros.

— Esses dois não tem jeito! Apostaram de novo corrida de moto. — Heitor sacudiu a cabeça.

— Ele já perdeu da vez anterior! — Micah emendou. — Mas não admite que a minha moto é mais veloz.

— Dois moleques mesmo. — Afirmei, o que fez Joaquim rir mais e acrescentar:

— Dessa vez o Pedro ganhou!

— Porque roubou! Theo, você acredita que o Pedro tirou quase toda a gasolina da minha moto? Eu estava no meio da corrida e ela parou de repente. Isso é ou não trapaça?

— Não tirei porra nenhuma! — Pedro disse cinicamente.

— Mandou alguém tirar!

— Você tem provas?

— Admite logo, crianção!

Os dois continuaram discutindo, enquanto Heitor e Joaquim riam de se acabar. Eu sorria, até que Pedro foi enfático:

— Se esqueceu de encher o tanque e a culpa não é minha. Ganhei e ponto final!

— Cara de pau! — Micah deu uma gargalhada, passando a mão pelo cabelo e arrepiando-o todo. — Vai ver o que vou fazer da próxima vez.

— Não tem próxima vez. Estamos quites! — Sentenciou Pedro. — Na verdade, da próxima vez Heitor e o Tourinho é que vão disputar com seus cavalos!

— Me tira dessa! — Joaquim ergueu a mão. — Sou o mais novo em idade, mas muito mais adulto que vocês!

Continuaram de implicância um com os outros, se divertindo a valer. Por fim se voltaram para mim, me tornando alvo, Micah dizendo que eu estava velho demais para disputar alguma coisa. Quiseram que eu entrasse na brincadeira de ofensas, mas eu estava tão tranquilo que só ergui uma sobrancelha, relaxado.

E feliz.

Ouvi risadas das crianças ali perto, soube que logo Eva e as mulheres estariam ali, que a casa ficaria cheia. Outro Natal se aproximava. Outra noite em família. Com a minha família Falcão.

A única que sempre desejei para mim.

Conto: Helena

Conto originalmente publicado em Setembro de 2016 em comemoração aos 2 anos do lançamento do ebook independente "Ferida' na Amazon!

Helena

Eu estava sentada sobre a manta colorida e sentia o vento suave bater em meus cabelos. Gostava de dias assim, claros e reluzentes, onde todas as cores da fazenda se sobressaíam: o verde mais claro dos campos, os mais escuros das folhas das árvores, as flores por todo lado, os tons entre cinza e prata das pedras, a água cristalina que descia da cachoeira e formava um pequeno lago azul.

Ali, na terra da minha família, eu me sentia viva e pulsante. Sabia que era meu lugar, de onde nunca sairia.

Em minhas veias corriam o sangue dos Amaro e dos Falcão, de duas famílias inimigas no tempo. Eu conhecia a história. Já estava com catorze anos, sabia de muita coisa. Aliás, tinha diante de mim o resultado daquele ódio: meus pais. Contra todas as possibilidades, eles venceram através do amor. Eva Amaro e Theo Falcão.

Meu irmão estava ajoelhado na areia úmida da margem, fazendo esculturas de lama. Era uma réplica em miniatura do nosso pai, moreno, olhos azuis. Mas as semelhanças paravam por aí. Theo Júnior tinha os olhos doces da mamãe e era tão meigo quanto ela. Eu era louca por ele e estava sempre atenta, pronta para defendê-lo como uma leoa se alguém se metesse em seu caminho.

Suspirei, pois meu sangue já fervia com aquela possibilidade. Sacudi um pouco a cabeça e a coroa de flores sobre meus cabelos quase escorregou. Deixei-a ali, pois minha mãe tinha feito para mim durante o piquenique e eu não queria desapontá-la. Mas não era muito meu estilo. Preferia o chapéu do meu pai, botas e estar em cima do lombo de um cavalo.

Era engraçado que eu fosse tão parecida com minha mãe fisicamente, pequena e com longos cabelos loiros, enquanto meu gênio era um clone do meu pai. Eu sabia que ele adorava isso. Theo Falcão era o melhor pai do

mundo para mim e para o Júnior, mas entre nós dois tinha uma comunhão única. Éramos unha e carne.

Meus olhos foram para eles, ali perto.

Ele estava recostado ao tronco de uma árvore, sentado, os cabelos negros entremeados de poucos fios brancos. Era moreno, com uma beleza agressiva e olhos azuis afiados, sempre atentos a tudo. Olhava pra gente e via de verdade, até a alma. Nunca tinha um olhar distraído. Era duro, firme, mas suave nas horas certas e para as pessoas que amava. Eu sabia que podia contar com meu pai para sempre. Ele era meu guardião, meu protetor, meu herói e meu melhor amigo.

Recostada em seu peito, minha mãe estava entre seus braços, os longos cabelos loiros soltos, o rosto plácido e feliz. Contava algo e sorria. Ela sempre sorria. A coelhinha do meu pai o amava com uma loucura nunca vista. Talvez apenas compatível com o amor que ele sentia por ela.

Eu vinha de uma família onde os homens amavam pra valer, sem trégua. Era assim entre meu tio Joaquim e minha tia Gabi, entre Micah e Valentina, entre Pedro, Lara e Heitor. E tinha sido com meu avô, Mário. Infelizmente ele já tinha falecido há alguns anos. Mas eu ouvi muito sobre como amou minha avó Alice. E como foi amado por ela, o que ele só descobriu pouco antes de morrer.

Suspirei de novo e pensei em Tomaz, o rapaz de quinze anos, filho do novo capataz da fazenda, que tinha chegado para morar ali há pouco tempo. Remexi-me, inquieta, um pouco nervosa.

Era estranho, pois desde que o vi pela primeira vez, senti coisas desconhecidas. Uma agitação, uma quentura por dentro. Bastou fitar seus olhos escuros e eu, a durona Helena Falcão, tremi na base. Ridículo! Muito ridículo!

Na verdade, aquele garoto era um metido. Eu odiava o modo como montava bem e laçava o gado, se achando melhor que eu, que nasci ali e aprendi desde cedo aquele ofício. Em tudo ele se destacava e até meu pai já o elogiara. O pior era que ele me desconcertava e tirava minha atenção. Eu sempre acabava fazendo besteira, como se esquecesse de tudo sob o olhar dele e virasse uma garotinha boba. Que ódio!

— Hei, Helena, que cara feia é essa? Coitada da flor!

A voz da minha mãe chamou minha atenção e percebi que eu esmagava uma flor do campo na mão direita. Parei na hora e fiquei sem graça, percebendo o olhar dela e do meu pai sobre mim.

— Não estou de cara feia. – Levantei, ajeitando a calça jeans, pouco feminina. Senti-me ridícula com aquelas flores no cabelo, até coçaram, mas não tive coragem de tirá-las. Amava tanto a minha mãe, que nunca fazia nada que pudesse magoá-la. – Só não tem nada pra fazer aqui. Já lanchamos, vocês estão aí namorando e o Theozinho só quer saber de brincar! Estou entediada!

— Queria estar no lombo de um cavalo. – A voz forte do meu pai chamou minha atenção e o olhei na hora, animando-me.

— Sim. Quer apostar uma corrida comigo? – Desafiei.

Theo Falcão mirou-me com um misto de seriedade e orgulho. Beijou a face da minha mãe e disse baixo:

— Coelhinha, ela não se cansa de tentar me ganhar em uma disputa de cavalos.

— Vocês dois são iguais. Não conseguem ficar parados! – Minha mãe, já sabendo onde aquilo ia dar, começou a se levantar.

Quando os dois ficaram de pé, ele a puxou para os braços e falou, perto de sua boca, fitando-a com intensidade nos olhos:

— Não demoro.

Desviei os olhos, pois às vezes eles me deixavam sem graça com aquele amor todo. Meu pai nunca disfarçava que era louco por ela e minha mãe retribuía com igual fervor. Às vezes me perguntava se um dia eu amaria assim, se seria amada assim.

Pensei novamente em Tomaz, no calor que me subia pelo corpo, nas sensações novas e estranhas que despertava em mim. Não queria sentir aquelas coisas, ser uma garotinha boba. Nem me apaixonar. Só me daria a alguém se fosse um amor como dos meus pais, nada menos que isso.

— Vamos, Falcãozinha? – Meu pai me chamou, já caminhando até seu cavalo amarrado ali perto.

Eu me animei na hora e o segui. Ao passar ao lado da minha mãe, tirei a coroa de flores do cabelo e dei a ela, enquanto beijava suavemente seu rosto e pedia:

— Guarda pra mim?

— Sim. Tome cuidado. – Ela me beijou de volta.

— Quero ir também! – Júnior veio correndo para perto, mas minha mãe disse sorrindo:

— Vão me deixar sozinha aqui?

— Cuido de você, mamãe. – Ele se decidiu logo e a abraçou. Era apenas um ano mais novo que eu, mas parecia muito mais jovem.

Sorri e corri atrás do meu pai, já montado no cavalo negro.

Eu sentia o sangue correr forte nas veias, a animação e o desafio me dominando. Fui desamarrar meu cavalo, doida por aventura, por sentir o vento no rosto e ganhar os campos em velocidade.

— Vamos contornar aquele grupo de árvores e quem chegar aqui, ganha. – Ele avisou, quando montei e fui para seu lado. Acenei na hora. Antes de ir, deu-me um olhar sério. – Lembre do que eu sempre falei. Controle seu cavalo. Observe o terreno. Seja audaciosa, mas não irresponsável.

— Sim, senhor. – Falei séria também, pois sabia que se preocupava comigo. – Pronto para perder?

A ruga entre seus olhos se desanuviou quando sorriu, seguro de si.

— Acha que algum dia isso vai acontecer?

— Hoje.

— Quero ver.

— Vai ver.

— Tomem cuidado, vocês dois! – Gritou minha mãe.

— Quando eu falar "já". – Disse Theo Júnior e gritou: - Já!!!

Disparamos, lado a lado.

Meu coração disparou junto.

Senti o vento, a velocidade, a emoção. Incentivei meu cavalo a correr, gritando, me preparando para felicidade indescritível de ser livre e saber o meu lugar no mundo.

Corremos e, quando vi meu pai com uma boa diferença na frente, abaixei-me mais sobre o cavalo e o incentivei, desafiadora, ansiosa, palpitante.

Fui me aproximando. Comecei a achar que eu tinha chances e me concentrei ainda mais. Estava quase emparelhando com ele.

Tivemos que diminuir a velocidade quando chegamos no grupo de árvores, para contorná-las. Gritei eufórica quando disparei primeiro e passei na frente dele. Ria, berrava, me soltava. Vi o cavalo preto se aproximar e ficar ao meu lado. Olhei-o e depois para meu pai.

Ele me fitava não com raiva, mas com orgulho. Seus olhos azuis brilhavam. Isso foi antes de acelerar e me passar, desafiador como sempre, um homem que não admitia perder nunca, que tomara a vida com as mãos e fizera dela o que tivera vontade. Eu me orgulhava dele, me espelhava, seguia seu caminho. Theo Falcão era meu ídolo.

Chegamos quase empatados, mas ele ganhou por pouco.

Quando paramos, foi o primeiro a pular fora. Saltei e me puxou para seus barcos, dando-me um abraço e beijando meus cabelos, dizendo:

— Você quase ganhou.

— Quase ... – Resmunguei, enquanto caminhávamos abraçados até minha mãe e irmão. Nossas respirações eram arfantes e pesadas, nossas peles meio suadas. – Devia ter me concentrado mais.

— São dois loucos! – Minha mãe reclamou, mas logo se derreteu toda quando meu pai foi até ela e a envolveu entre os braços, beijando seu cabelo. Apertou-o, ergueu o rosto e sorriu, enquanto se fitavam.

Revirei os olhos.

Meu irmão veio para mim, todo animado, abraçando-me.

— Você chegou a ficar na frente do papai, Helena! Não ganhou por pouco!

— Na próxima eu ganho. – Garanti, segurando-o contra mim. Tinha a sensação de que deveria defendê-lo e protegê-lo vida afora. Ou talvez não. Júnior tinha uma força silenciosa, que às vezes me surpreendia.

Sorri para ele. Não estava com raiva. Estava feliz.

Meus olhos passaram pela cachoeira, pelas terras à vista, pelo céu infinito sobre nós. Vi meus pais ali de pé, falando algo baixinho.

Tinham enfrentado o mundo para ficarem juntos. Aquela fazenda viu o amor deles florescer e vencer. E se consolidar, dia a dia.

A Fazenda Falcão Vermelho tinha começado com meu avô, Mário Falcão. Estava agora sob a administração do meu pai e dos meus tios. E um dia passaria para mim, para meu irmão e para meus primos.

Uma nova geração, com novas histórias e conquistas.

E nosso sangue lá, firme, se misturando com a seiva das árvores, com o mugido do gado, com tudo que fazia parte da nossa essência.

Enquanto eu olhava ao longe, imersa em meus pensamentos, vi dois cavaleiros se aproximando. De imediato reconheci um deles, o rapaz alto e forte sobre seu cavalo marrom. Foi estranho como meu coração disparou, ainda mais forte do que quando estava disputando a corrida.

Tentei conter aquele rebuliço todo dentro de mim e tive uma espécie de medo daquelas sensações todas. Não podia estar apaixonada. Tinha só catorze anos e aquilo era para garotas bobas.

Mas meu coração continuou em sua batida louca.

Olhei para meus pais. E indaguei a mim mesma como meu pai

reagiria se soubesse como eu me sentia sobre Tomaz. Aquele rapaz misterioso e calado que mexia tanto comigo, sem esforço algum.

Era melhor nem saber.

FIM.